

A vida moderna na condição de exilado: a América de Franz Kafka

Vanessa De Paula Hey¹

Resumo: Narrativas de indivíduos enredados nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno, de que *Amerika* de Franz Kafka é exemplo, possibilitam investigar formas pelas quais a vida moderna se vê representada na literatura do início do século XX. Entre as fontes que alimentam o turbilhão da modernidade, e que são figuradas por essa obra, se encontram: a industrialização da produção, os avanços tecnológicos, a criação de novos ambientes e o conseqüente desaparecimento de outros, a rapidez do ritmo de vida, as novas formas de poder corporativo e de lutas de classe, a explosão demográfica e o crescimento urbano. Acentua-se, nesse romance kafkiano, o caráter negativo da experimentação da modernidade pelo indivíduo, dado a posição ocupada pelo protagonista dessa história: de estrangeiro – migrante e exilado. O presente artigo pretende analisar de que modo a modernidade e o sujeito moderno na condição de migrante são representados na obra *Amerika ou o Desaparecido*.

Palavras-chave: *Amerika*; Franz Kafka; modernidade; sujeito moderno; exílio.

Abstract: Narratives of individuals enmeshed in the bureaucratic and administrative machinery of the modern state, of which *Amerika* by Franz Kafka is an example, make it possible to investigate ways in which modern life is represented in the literature of the early 20th century. Among the sources that feed the whirlwind of modernity, and which are included in this work, are: the industrialization of production, technological advances, the creation of new environments and the consequent disappearance of others, the rapid pace of life, the new forms of corporate power and class struggles, the demographic explosion and urban growth. In this Kafkaesque novel, the negative character of the experimentation of modernity by the individual is accentuated, given the position occupied by the protagonist of this story: a foreigner – migrant and exiled. This article aims to analyze how modernity and the modern subject as a migrant are represented in the work *Amerika or the man who disappeared*.

Keywords: *Amerika*; Franz Kafka; modernity; modern subject; exile.

Introdução

Amerika ou O Desaparecido, de Franz Kafka (1883-1924), escrito entre os anos de 1911 e 1914, mas publicado apenas em 1927 (três anos após a morte de seu autor), é, além de seu primeiro romance, um texto inacabado, da mesma forma que as obras O

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná; doutoranda em Estudos literários pela Universidade Federal do Paraná. vani_de_paula@hotmail.com.

Processo e O Castelo – também publicadas postumamente, a primeira em 1925 e a segunda em 1926.

Em *Amerika*, diferentemente das duas últimas obras acima citadas, recebemos informações bem mais precisas a respeito dos cenários e dos personagens que a habitam. Aspecto que fica evidente logo no início do romance, em seu parágrafo de abertura, momento em que somos apresentados ao protagonista desta história e às circunstâncias que o trazem até Nova Iorque, ponto de partida para as suas peripécias e desventuras:

Quando Karl Rossmann – rapaz de dezesseis anos de idade a quem seus pobres pais enviaram para a América porque o tinha seduzido uma criada que depois teve dele um filho – entrava no porto de Nova Iorque, a bordo desse vapor que já havia diminuído sua marcha, viu de súbito a estátua da deusa da liberdade, que desde há alguns instantes vinha observando, como se agora estivesse iluminada por um raio de sol mais intenso. Seu braço com a espada ergueu-se como com um renovado movimento, e em torno de sua figura sopravam os ventos livres. (Kafka, 2000, p. 21)

Informações como essas apresentadas pelo parágrafo, ainda que fornecidas de modo objetivo, conciso e apressado, como demonstra a passagem anterior, são, em episódios subsequentes da narrativa, desdobradas em seus detalhes. Não demora muito, por exemplo, para que tenhamos acesso aos pormenores do incidente envolvendo o abuso sofrido pelo protagonista desse romance. Seu relato se manifesta tanto por meio dos pensamentos e impressões de Karl quanto através da fala de seu tio Jakob – que tomara conhecimento da trama por ter sido o destinatário da carta escrita pela criada. O conteúdo da correspondência é compartilhado com todos aqueles que se encontram no quarto do capitão do navio no momento em que tio e sobrinho começam a estabelecer suas primeiras relações, sua exposição, para além de vexar o adolescente, serve de motivação para que Karl rememore a sua própria versão do caso. Desvelam-se, portanto, já no primeiro capítulo da obra (intitulado *O foguista*), o que poderia se configurar como possíveis mistérios que motivaram sua vinda aos Estados Unidos.

Os porquês que permeiam a trajetória de Karl nos diferentes episódios relatados pela obra, que servem à leitura como instigadores dos motivos que o levaram a ocupar esta ou aquela posição, ainda que as explicações e razões se apresentem ora de forma complexa ora insuficiente ou inconvincente, serão, em algum momento da narrativa, respondidos, o que não acontece, como já fora mencionado, nos dois outros romances do autor.

Segundo afirma Walter Benjamin, a importância deste romance para obra de Kafka se faz notar e é “demonstrada pelo próprio nome do herói” (1985, pp. 144-145),

não mais designado por uma inicial (como foram Josef K. ou K. – o que aponta, entre outros aspectos, para “a sua despersonalização e seu destino de gente anônima” (Rosenfeld, 1994, p. 47)), mas por um nome completo: Karl Rossmann. E ainda que não avancemos muito sobre o universo subjetivo de seu protagonista, sabemos bem mais sobre ele do que sobre personagens de outras ficções kafkianas.

Nessa obra, é sob a condição de emigrante e exilado² – propositalmente deslocado, expulso mesmo de sua pátria natal –, e menos de viajante, que o jovem alemão Karl Rossmann chega aos Estados Unidos do começo do século XX. Tendo por base reflexiva essa conjuntura, ou seja, a posição social, econômica e cultural ocupada por esse personagem na América, que difere de sua situação anterior, a europeia, é que passamos agora a analisar seu percurso e todos os seus desdobramentos, que, a nosso ver, estão estritamente relacionados à experimentação da modernidade pelo indivíduo, questão que será privilegiada em nossa discussão.

1. Modernidade em Amerika

Em *Amerika*, acompanhados de Karl, adentramos um mundo novo que, à primeira vista, inspira otimismo e liberdade – simbolizados num primeiro momento por aquilo que, a partir de uma perspectiva mundial, os Estados Unidos representavam para a época, uma espécie de ‘terra prometida’ ou ‘terra das oportunidades’³, e, em segundo, pela própria figura da Estátua da Liberdade, que o personagem vê ao adentrar o porto de Nova Iorque: “como se agora estivesse iluminada por um raio de sol mais intenso”, e em torno da qual sopram “os ventos livres” (Kafka, 2000, p. 21); a liberdade, personificada pela imagem da estátua, é ironicamente louvada, como se nota pela forma como o narrador escolhe denominá-la: ‘deusa’.

Esse primeiro retrato dos Estados Unidos, que pode passar a impressão de estarmos num ambiente sólido e seguro, que inspira sonhos e desejos por novas experiências, é logo desmistificado pela sequência da narrativa, que também nos mostra a outra face desse ‘novo’ mundo, de caráter instável, pouco seguro e atulhado de frustração.

Trata-se, portanto, a nosso ver, de uma forma de se representar a modernidade, entendida aqui pela definição que o teórico Marshall Berman fornece em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982) – obra que discute, dentre outros aspectos, o caráter

² Entendido aqui no sentido de expatriação forçada e não voluntária.

³ No prefácio de *América*, de autoria de seu tradutor, afirma-se que: “já se começava a dizer maravilhas pelas oportunidades de trabalho que [a América] oferecia a todos os imigrantes. A América ecoava aos ouvidos europeus, sobretudo aos judeus, cujas possibilidades estavam esgotadas ou cerceadas no velho continente, como a Terra da Promissão, a Canaã dos tempos modernos” (Guimarães, 2000 apud Kafka, 2000, p. 16).

paradoxal do indivíduo na experimentação da modernidade, como se pode ler no trecho a seguir:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (2007, p. 12)

Ao que parece, as expressões utilizadas por Berman para caracterizar o sujeito moderno, o qual descreve ao mesmo tempo como “revolucionário” e “conservador” – o que não deixa de chamar à atenção para o caráter paradoxal e dialético que define, segundo ele, a experiência da modernidade –, retratam, também, e de forma convincente, o que acreditamos ser o movimento estrutural e ideológico encontrado em *Amerika*, assim como a postura de seu personagem principal frente aos desafios da realidade em que está inserido: um ambiente de constantes e rápidas transformações, que “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (idem, p. 24) .

Essa visão de modernidade permite entender ainda alguns dos retratos feitos da sociedade norte-americana por essa obra, pois considera o sujeito moderno como aquele que, ao mesmo tempo em que se sente seguro por estar inserido na modernidade, representada por todo progresso, mudanças sociais, fortalecimento das “imensas organizações burocráticas” (idem, p. 12) e manifestações culturais de massa, encontra-se desconcertado pela abundância e instabilidade de possibilidades a que está exposto. Esta última representação está em consonância com a “figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (Hall, 2011, p. 33), que nada mais é, de acordo com nossa leitura, do que a própria representação da condição deslocada, de emigrante, que Karl ocupa no ‘novo’ mundo figurado em *Amerika*. Essa definição, segundo Hall, é comumente encontrada no conjunto de produções artísticas que emergiram dos movimentos estéticos e intelectuais associados ao Modernismo. A modernidade, em conformidade ainda com as reflexões desse autor, pode ser entendida como uma experiência de “convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua”, além de ser uma forma altamente “reflexiva de vida” (idem, p. 15)

Uma das representações da experiência do sujeito moderno nesse ‘novo’ mundo pode ser ilustrada pelo episódio do foguista que, como vimos, ocupa o primeiro capítulo da narrativa. Vejamos.

Ao chegar ao porto de Nova Iorque, ainda a bordo do navio que o trouxera, Karl se dá conta de ter esquecido o seu guarda-chuva “embaixo, no interior do barco” (Kafka 2000, p. 21). Abandona seu baú com um recém-conhecido e parte em busca de seu outro pertence. Ao adentrar o interior da embarcação, pelos corredores do nível inferior, o adolescente se depara com o quarto do foguista, lugar onde toma conhecimento de sua história; a partir desse momento, os dois travam relações amigáveis. O foguista, que assim como Karl é alemão, anda a se queixar do tratamento parcial que diz receber de seu superior, chefe dos maquinistas, um romeno de nome Schubal. Karl, sensibilizado, toma as dores desse homem, incitando-o a se defender das injustiças que o acometem. Ambos se dirigem, nesse instante, ao escritório do capitão. Ainda que Karl tivesse se posicionado de forma favorável à situação do foguista e o auxiliado, este não consegue, quando lhe dado a oportunidade, expor de forma clara as arbitrariedades alegadamente sofridas. O desfecho da história é humilhante para o foguista, que se vê oprimido, menosprezado e mesmo ridicularizado perante e pelas autoridades com quem têm contato. Karl, por sua vez, encontra-se frustrado com a pouca disposição que o foguista demonstra quanto à defesa de assuntos relacionados aos seus interesses, assim como pela falta de clareza de suas explicações. A atitude do foguista conduz a um resultado contrário ao esperado pelo garoto, a saber, a sua condenação.

A angústia que nós leitores sentimos frente à situação do foguista, a sua passividade no momento em que é agredido moralmente tanto por seus colegas de trabalho quanto por seus superiores, evidencia a existência desse indivíduo que se encontra sufocado pelas instituições burocráticas modernas e pelas organizações hierárquicas do mundo do trabalho, um sujeito que quase não tem voz nesse ambiente (que é para ele estranho – estrangeiro), e nas poucas chances que se apresentam para que a expresse, sente-se intimidado e acuado, calando-se, portanto; e, com isso, aceitando o destino que outros lhe conferem. Um indivíduo supostamente livre, para quem a liberdade (de expressão), naquele contexto, passa a ser um fardo.

Situação similar a essa sofrida pelo foguista será protagonizada por Karl em episódio futuro da narrativa, é o que se vê no capítulo intitulado “O caso Robinson”. O desfecho dessa outra história será semelhante a esta que acabamos de relatar, com a diferença de que será Karl aquele a ocupar a posição de oprimido e injustiçado, passível da tirania de seus superiores. Além disso, temos a certeza de sua inocência, o que apenas

podemos presumir no caso do foguista, aspecto que potencializa o sentimento de frustração.

A sequência de percalços iniciais a que somos apresentados – o abandono dos pais, a sua expulsão da Alemanha, a suposta perda de seus únicos pertences, o desastre da defesa do foguista, o hipotético desamparo a que estaria sujeito ao chegar aos Estados Unidos – tem como contrapontos: a chegada à América, a proximidade afetiva que mantém com o foguista e, finalmente, a revelação de ali se encontrar o tio, seu responsável (ainda que por pouco tempo). A organização estrutural da obra espelha, nesse sentido, o movimento do indivíduo na experimentação da modernidade – tal qual a definimos aqui: paradoxal e dialética –, isso porque, de um lado, ela lhe apresenta seus aspectos positivos, as oportunidades dessa experiência, e, de outro, os negativos, as suas consequências.

A ambiguidade dessa experiência é analisada por Anthony Giddens (1990), que a descreve como um “fenômeno de dois gumes” (1991, p. 17). De um lado, afirma o autor, estão as oportunidades criadas a partir do desenvolvimento das instituições modernas e de sua difusão – “bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno” (ibidem). De outro, do “lado sombrio”, encontram-se as consequências degradantes da era da modernidade, dentre as quais: i) a forma como se realiza o trabalho industrial moderno, que submete “muitos seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo” (idem, pp. 17-18); ii) a destruição em larga escala do meio ambiente (idem, p. 18); iii) o uso do poder político de forma autoritária, que revela que a “possibilidade de totalitarismos [fascismo, nazismo, stalinismo] é contida dentro dos parâmetros da modernidade ao invés de ser por eles excluída” (ibidem); e iv) o fortalecimento do poder militar, que inclui a ameaça de confronto nuclear e a realidade do conflito armado, além do fenômeno da “industrialização da guerra” (idem, p. 19).

Tanto Karl quanto o foguista reconhecem a importância de se conhecer os mecanismos por trás do funcionamento das instituições. É possível afirmar que, até certo ponto, eles os conhecem, porém, por não ocuparem posições favoráveis (de poder, por exemplo), não os dominam, mas, ao contrário, são submetidos a ele e, portanto, vez ou outra, esmagados por suas engrenagens. Dito de outra forma: eles estão sempre correndo atrás da máquina, nunca em seu controle.

Sua condição solitária e de abandono, próprias da realidade de um exilado, explicam ainda a facilidade e rapidez com que Karl se conecta afetivamente com alguns dos personagens dessa narrativa. Essa situação acontece não apenas em relação ao foguista, com quem primeiramente estabelece uma espécie de transferência, mas também

com seu tio (Edward Jakob), com o amigo do tio (senhor Pollunder), com os companheiros momentâneos de viagem (Delamarche e Robinson), com a cozinheira-chefe do Hotel Ocidental (Grete Wenzelplatz), e com o estudante vizinho (Josef Mendel).

Num movimento quase cíclico, o romance nos apresenta situações que, de um lado, despertam esperança e, de outro, angústia: os estudos de Karl (esperança); a violação de Joanna Brummer (angústia); a chegada à América e o encontro com seu tio Jakob (esperança); a involuntária falta para com o tio e a subsequente expulsão de sua casa (angústia); a busca por um novo trabalho ao lado de Robinson e Delamarche (esperança que rapidamente se converte em angústia); o emprego no Hotel Ocidental e o acolhimento por parte da cozinheira-chefe (esperança); a demissão injusta de seu posto de ascensorista (angústia); o cartão de visitas com a recomendação de Grete Mitzelbach para um trabalho na Pensão Brenner (esperança); a revista violenta que sofre do porteiro-chefe e a perda do cartão de visitas (angústia); o resgate de Karl por Delamarche no momento em que aquele corre risco de ser preso pela polícia (esperança); a prisão domiciliar e a obrigação de servir a Delamarche e Brunelda (angústia); a fuga com Brunelda (esperança) (Pimentel, 2018); etc. É como se cada fracasso – momento de angústia – cedesse lugar a uma ideia de esperança futura, em que “nenhum dos golpes que ferem a Rossmann tem a fatalidade do definitivo”, sendo *Amerika*, dentre os livros de Kafka, “o mais esperançoso e o menos consternador” (Canetti, 1988, p. 88).

Ao mesmo tempo em que *Amerika* apresenta os aspectos positivos e as conveniências da experiência da modernidade nos Estados Unidos, visível na modernização de suas estruturas e no sentimento de esperança que elas inspiram (terra das oportunidades); ela também conjectura o custo de todo esse progresso e desenvolvimento, e todo o fracasso a que está exposto aquele que não consegue se inserir de maneira harmônica em sua estrutura. São as oportunidades e consequências da experiência da modernidade, e a forma dialética como elas são representadas na obra (o movimento cíclico exposto no parágrafo anterior) que mostram, enfim, ser possível analisá-la através de uma leitura que privilegia a discussão de questões relativas à modernidade, que adquirem tons mais nebulosos, em *Amerika*, por estarmos acompanhando a trajetória de um migrante exilado.

2. A condição de migrante e exilado do sujeito moderno

Os Estados Unidos, da forma como é representado em *Amerika*, configura-se como um ambiente altamente industrializado, burocratizado e tecnológico, no qual multidões (de carros e corpos) o atravessam em incessante movimento, sem que, com isso, resultem em encontros que “se sustentem e permitam a cada um dos implicados experimentar uma relação ao mesmo tempo acolhedora, reasseguradora, integradora, fortalecedora”

(Mandelbaum, 2004, p. 5). Ao contrário, o que se vivencia é o desamparo, a inadequação e a sensação de não pertencimento. O universo criado por Kafka nesse romance contempla, assim, a figuração de um microcosmo – a nação norte-americana das décadas iniciais do século XX – de regras próprias, as quais, muitas vezes, não são compreendidas pelo seu protagonista de forma tão clara, o que faz com que suas ações, por mais bem intencionadas que sejam, pareçam desajustadas da realidade. É como se Karl Rossemann estivesse num “mundo primitivo”, no qual “as leis e normas são não-escritas”, de modo que “[o] homem pode transgredi-las sem o saber” (Benjamin, 1985, p. 140).

O protagonista de *Amerika*, ao chegar à nação norte-americana, passa a ocupar a posição de estrangeiro. Porém, como esta não é uma viagem de passeio e, portanto, ele não está lá apenas de passagem, mas vivenciando uma mudança que se pretende definitiva, Karl tem que enfrentar os dilemas de sua nova condição da perspectiva de um recém-integrado membro desse mundo, ainda que este se apresente a ele, e a nós leitores, de forma quase indecifrável. A sua nova realidade, cercada de instituições sociais altamente burocratizadas, lhe escapa a compreensão, motivo pelo qual, na maioria das vezes, ele apresenta certa passividade frente às situações de extremada injustiça e opressão que lhe acometem – de que são exemplos: i) a incapacidade de reação diante das atitudes de Robinson e Delamarche (que, sempre que podem, tentam tirar vantagem de Karl); e ii) a impotência em se opor, resistir ou mesmo lutar no momento em que, ao ser demitido do Hotel Ocidental, é agredido física e moralmente. Tamanha é a falta de objeção que, no decorrer do romance, essas situações vão se naturalizando, e o caráter absurdo que delas emergem passa a ser concebido como algo trivial.

O mundo moderno, da maneira como é representado por esse romance de Kafka, apresenta as suas faces mais cruéis, podendo ser descrito como um ambiente incerto, ameaçador e, por vezes, paradoxal; onde os aspectos negativos superam consideravelmente os positivos. Em *Amerika*, os elementos dessa modernidade, que tanto servem de pano de fundo às ações que se desenrolam na narrativa quanto são por ela figurados, manifestam-se, para além, na própria estrutura da obra. Trata-se, ao nosso ver, de uma tentativa de se narrar uma experiência que pode ser vivida pelo leitor, configurando-se, assim, como um relato que transcende a simples assimilação da realidade por meio de sua descrição e/ou tematização.

Em *Amerika*, uma das formas de representação do sujeito moderno (indivíduo inserido nessa realidade) pode ser exemplificada pela figura do fogueira, cuja trama, como vimos, ocupa o primeiro capítulo do romance. Esse indivíduo, que não recebe nome na narrativa, é caracterizado pela função que exerce, como num processo de desumanização em que se tem a individualidade tolhida em prol da eficiência do sistema,

em que o sujeito se vê rebaixado ao nível de coisa. Para sobreviverem, nesse mundo, esses sujeitos precisam se tornar peças da máquina (Pimentel, 2018), pensada, aqui, não apenas por seu caráter mecânico, mas por sua relação com agenciamentos sociais muito mais complexos:

(...) porque jamais uma máquina é simplesmente técnica. Ao contrário, ela é técnica apenas como máquina social, pegando homens e mulheres em suas engrenagens, não menos que coisas, estruturas, metais, matérias. Bem mais, Kafka não pensa apenas nas condições do trabalho alienado, mecanizado, etc.: ele reconhece tudo isso de muito perto, mas seu gênio está em considerar que os homens e as mulheres fazem parte da máquina, não somente em seu trabalho, mas ainda mais em suas atividades adjacentes, em seu repouso, em seus amores, em seus protestos, suas indignações, etc. (Deleuze & Guattari, 1977, p. 118)

Karl, ainda que tente, não consegue realizar o mesmo movimento de muitos outros sujeitos apresentados na narrativa, uma vez que esse personagem “permanece exterior a toda uma série de máquinas, passando de uma a outra, expulso a partir do momento em que tenta entrar: a máquina navio, a máquina capitalista do tio, a máquina-hotel...” (idem, p. 14); esse sujeito está, portanto, e por conta de sua situação de exilado (que acentua ainda mais o seu estado de alienação), à margem desse mecanismo, longe não apenas de conseguir adentrá-lo e, assim, adequar-se a ele, mas distante também de compreendê-lo.

63

Conclusão

No último capítulo de *Amerika*, vemos Karl seguir em direção ao grande Teatro de Oklahoma, máquina de entretenimento que anuncia a contratação de qualquer um que esteja disposto a participar de seu espetáculo – uma vez que todos, sem exceção, serão bem-vindos (Kafka, 2000). A arte, simbolizada por este Teatro, parece exercer neste ponto da narrativa a função de refúgio, apresentando-se não apenas como uma nova etapa que se anuncia como promissora, mas como uma alternativa possível às situações de angústia vivenciadas até o momento, ou ainda, como uma forma de se escapar da condição solitária de exilado imposta por toda aquela realidade social. Enquanto esta é uma maneira otimista de se conceber o papel da arte nessa obra, outra seria a de se pensar no Teatro como mais um início de ciclo de esperança e angústia, o qual trará desdobramentos amargos aos envolvidos – os participantes de seu espetáculo serão mais uma vez reduzidos à condição de engrenagem “do poderoso mecanismo social, que engloba a todos e acolhe todos os homens que ali chegam, mais do que na condição de imigrantes, como sobreviventes despejados nessa nova paisagem histórica regida por um compasso tecnológico” (Mandelbaum, 2004, p. 246).

Nesse momento da narrativa, estamos diante de um indivíduo que se encontra diminuído por toda a sua experiência em solo americano, um sujeito que parece ter perdido a sua liberdade justamente na terra da liberdade. Estamos, pois, diante de um indivíduo que, aos poucos, vivencia a desconstrução de sua identidade, e que está prestes a desaparecer no meio da multidão (Poe, 1988) ou do turbilhão da vida moderna (Berman, 2007).

Já sem documentos, destituído de nome e sobrenome, o protagonista de *Amerika* se identifica, agora, pelo apelido que recebera em seus últimos empregos, a saber, “Negro”. Não por acaso, Karl se vê representando o papel daqueles que, nos Estados Unidos do início do século XX, ocupavam um dos últimos lugares na escala social. A gradual desconstrução experimentada por ele, ao longo do romance, pode ser associada ainda, dentre outros elementos, àquilo que Gellner chamou de “sentimento de identificação nacional” (1983, p. 6), cuja ausência anunciaria um “profundo sentimento de perda subjetiva” (Gellner, 1983 apud Hall 2011, p. 48), tal qual a que se opera nesse personagem duplamente deslocado – primeiro de sua terra natal (a Alemanha) e, segundo, da pátria em que vive atualmente (os Estados Unidos).

Referências

- BENJAMIN, W.. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: **Obras Escolhidas**. Vol. 1, Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERMAN, M.. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANETTI, E.. **O outro processo**. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Kafka por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GIDDENS, A.. **As consequências da modernidade**. Tradução de R. Fiker. São Paulo: Edusp, 1991.
- HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KAFKA, F.. **América**. Tradução de Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- MANDELBAUM, E.. Das possibilidades de desaparecer na Amerika. In: **Revista USP**, 63, 2004, pp.241–248.
- PIMENTEL, D. A.. Amerika, de Franz Kafka: de pai para filho. In: **Revista Gragoatá**, Niterói, 45, 2018, 68–91.

POE, E. A.. *The Complete Illustrated Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. London: Chancellor Press, 1988.

ROSENFELD, A.. *Letras e leituras*. São Paulo: Edusp, 1994.